

A clínica psicanalítica durante a pandemia: o divã vazio e a presença dos aparelhos tecnológicos

The psychoanalytic clinic during the pandemic: the empty divá and the presence of technological appliances

Erikania Ferreira Mendes¹ e Karynna Magalhães Barros da Nóbrega²

Resumo: Com a pandemia do novo coronavírus, diversas atividades humanas passaram a ser realizadas através de aparelhos tecnológicos e uma nova lógica de sociedade e de rotina foi instaurada. Além da novidade da emergência dos aparelhos tecnológicos, houve, também, um pânico em relação ao vírus, em que os sentimentos de medo, ansiedade e horror se instalaram nas pessoas. Diante de tal contexto, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar de que forma a pandemia interferiu no funcionamento da clínica psicanalítica, além de pesquisar e refletir sobre o uso dos objetos tecnológicos nesse cenário. Para isso, nessa pesquisa, foi utilizado o recurso da revisão de literatura acerca dos princípios da clínica psicanalítica, tais como o conceito de amor de transferência, de ato analítico e de presença do analista. O processo de revisão de literatura ocorreu ao mesmo tempo que estavam acontecendo as mutações nos laços sociais, o que torna essa pesquisa, além de necessária, dinâmica.

Palavras-chave: Pandemia; Transferência; Psicanálise.

Abstract: After the new coronavirus pandemic, activities started to be carried out using technological devices and a new logic of society and routine was introduced. In addition to the novelty of the emergence of technological devices, there was also a panic in relation to the virus, feelings of fear, anxiety and horror were installed. According to this context, this research aims to investigate how the pandemic interfered in the functioning of the psychoanalytic clinic. In addition to researching and reflecting on the use of technological objects in psychoanalytic clinic. For that, in this present research the resource of the literature review about the principles of the psychoanalytic clinic was used, such as the concept of transference love, the analytic act and the presence of the analyst. The literature review process took place at the same time that mutations in social ties are taking place, which makes this research, in addition to being necessary, dynamic.

Keywords: Pandemic; Transfer; Psychoanalysis.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: erikaniafm@gmail.com

² Professora Adjunta III da Unidade Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Psicologia Clínica Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise de Orientação Lacaniana, da linha de pesquisa A criança e o laço social (LAPSO/ UFCG). E-mail: karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br

Introdução

Em meados de março de 2020, a população mundial se confrontou com uma pandemia: um novo vírus se espalhou por vários países e desencadeou uma crise sanitária e econômica com mortes em larga escala, apresentando alto poder de contágio e de letalidade, em especial em pessoas acima de sessenta anos.

Diante disso, o discurso da ciência demonstrou um furo no saber. Para conter a curva em pico de contágio dessa pandemia e tentar impedir o colapso do sistema de saúde, foi proposto o isolamento social, a lavagem das mãos com água e sabão e o uso de máscaras para cobrir nariz e boca. Com isso, as intervenções promovidas pelo Estado se deram pela solicitação de isolamento social, proibição de aglomerações, além da recomendação da constante lavagem das mãos, uso de álcool 70° e uso de máscaras para cobrir nariz e boca. Além disso, para os profissionais de saúde, houve a recomendação do uso de equipamentos de proteção individual, tendo em vista ser uma parcela da população vulnerável, seja para o contágio, seja para a transmissão. Com efeito, atravessamos uma crise sanitária, sendo colocada em xeque a assistência à saúde, à economia e à política.

Com isso, nos questionamos: quais os possíveis efeitos dessa modificação de atendimento na clínica psicanalítica? Tal questionamento se revela importante por considerarmos que a presença do corpo a corpo do analista é um quesito fundamental para o endereçamento de libido e a direção do tratamento. A partir de tal cenário, o uso do recurso virtual deixou de ser um atendimento esporádico e se tornou uma prática nos últimos meses. Interrogamo-nos, por isso, sobre os possíveis efeitos na direção do tratamento.

Além disso, a pandemia promoveu uma crise no capitalismo, em plena ebulição. A orientação em meio à pandemia foi ficar em casa, aqueles que puderam pararam e ficaram em casa. Outros, porém, seguiram sem se isolar, seja porque precisavam para se manter, seja porque a profissão demandava esse enfrentamento. Nas famílias, novas lógicas se instalaram: os pais passaram a ter mais tempo com a presença dos filhos, os casais passam a ter mais tempo juntos e as crianças deixaram de se deslocar para ir até a escola e passaram a ter aulas on-line. Com isso, a casa se transformou em um espaço híbrido, um ambiente de *home office* e lar.

Dunker (2020), em *A arte da quarentena para principiantes*, adverte que cada um se defende do mal-estar de maneira específica. O autor destaca três formas de reações diante da peste: do tolo, do confuso e do desesperado. Como tolo, quando se nega o confronto com o real, aquilo que está acontecendo. Como confuso, quando há angústia e o sujeito tenta transformar a angústia em medo. Já como desesperado, quando o sujeito não consegue manejar com a angústia. Podemos perceber que cada sujeito vai encontrar uma forma de lidar com o mal-estar, como nos ensina Freud (1930). Contudo, diante dessa pandemia, se deve contar com o Outro social, para que os sujeitos possam ter acesso à assistência e sobreviver. Nesse cenário, foi possível perceber as diferenças sociais e econômicas no Brasil, o que mostra que o contágio, adoecimento e morte do vírus assolou, principalmente, as classes sociais mais vulneráveis.

Fazendo um paralelo com o acontecimento em Tchernóbil, o coronavírus nos confronta com a verdade e um pedaço de real. Inferimos que há um antes e um depois do Covid-19. Quais os efeitos dessa fratura no simbólico? O que pode cada um diante desse real? Conforme Brousse (2020), em *Os tempos do vírus*, o Covid-19 transformou as modalidades do laço social e, em virtude da descontinuidade, não houve um instante para ver. Fomos atravessados por

esse real, não havendo tempo para uma subjetivação. Esse novo nome do mal-estar promoveu sofrimento e novos sintomas. Diante disso, apostamos que a psicanálise possa oferecer a escuta para que o sujeito se sustente no laço social e no saber-fazer com o real, como orienta Brousse (2018), em *O inconsciente é a política*.

A partir de tais compreensões, a presente pesquisa tem como objetivo investigar de que maneira a pandemia interferiu no funcionamento da clínica psicanalítica, assim como pesquisar e refletir sobre o uso dos objetos tecnológicos na clínica. Dessa forma, questionamos sobre a maneira como a psicanálise se inventa a partir do uso de plataformas virtuais, quais seus impasses e apostas.

Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir de uma investigação crítica e teórica sobre o dispositivo da clínica psicanalítica, especificamente durante a pandemia. Por meio desta investigação, visamos saber em que medida o divã vazio e a presença do virtual, ou melhor, o analista pelas telas, pode provocar efeitos e mudanças no método psicanalítico. Ainda buscamos compreender em que medida o uso das ferramentas e dispositivos virtuais, como *Skype*, *Google Meet*, *Hangout*, *WhatsApp*, *Zoom*, dentre outros, pode afetar a dinâmica dos atendimentos clínicos e de que maneira acontecem essas mutações.

Interrogamo-nos sobre a clínica mediada pelo uso dos aparelhos tecnológicos, a fim de problematizar os pontos de limite e de alcance na prática on-line, já que é algo relativamente novo na clínica e coloca em questão o ato analítico como sendo da ordem de uma invenção que segue princípios.

O trabalho de investigação, tendo como principal meio a pesquisa bibliográfica, consistiu em um esforço por parte dos pesquisadores em enumerar, nomear, equacionar e levantar os problemas, as questões e os atravessamentos envolvidos na temática proposta. Para tanto, partimos da leitura clínica de textos desde Freud, Lacan e Miller, seguindo seus aportes teóricos que dão norte e direção para o campo da psicanálise na contemporaneidade, bem como a pesquisa de referências atuais que estejam investigando essa temática.

Essa pesquisa bibliográfica foi dividida em três momentos didáticos, a fim de organizar e estruturar com maior clareza o trabalho em questão, devido sua profundidade, complexidade e urgência. Essa divisão seguiu a lógica lacaniana, sendo: 1. instante de ver, 2. tempo de compreender e, por fim, 3. momento de concluir. O instante de ver caracteriza-se pela construção de hipóteses, o levantamento de questões e a leitura dos conceitos a serem (re)visitados, como: *a presença do analista*, *o ato analítico* e *o manejo de transferência*, elementos que norteiam a direção do tratamento da clínica psicanalítica.

Análise dos Resultados

Os efeitos da pandemia só poderão ser testemunhados em um momento posterior, visto que o mundo ainda se encontra aterrorizado por esse vírus e suas variantes. Contudo, de acordo com a pesquisa, foi possível apontar indicativos sobre o modo como a psicanálise põe à prova a invenção no que cerne aos atendimentos psicanalíticos. Nota-se que essa invenção não é sem consequência e menos ainda sem amparo teórico, no que diz respeito às recomendações fundamentais da psicanálise. Nesse momento, os analistas devem estar à altura de sua época (Lacan, 1998) e ir ao encontro de uma

prática que permita lidar com os efeitos da pandemia. Portanto, sabe-se que o princípio do tratamento é o mesmo, as direções estão dispostas à invenção que cada atendimento vai proporcionar, através da transferência. A seguir, discutimos tais percepções.

A pandemia à luz da psicanálise, a clínica e o manejo da transferência

Ao investigar os efeitos da pandemia na clínica psicanalítica e, conseqüentemente, a inserção em massa dos aparelhos tecnológicos, percebe-se que esse novo mal-estar opera em direção a uma fratura do simbólico, ou seja, há um antes e um depois da pandemia. Tal situação é visível, também, em acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial, como bem foi pormenorizado pela escritora bielorrussa Svetlana Aleksíevitch (2013), em seu livro *As últimas testemunhas: crianças na Segunda Guerra Mundial*, no qual retrata as memórias das crianças do período da guerra e suas marcas, que explicitam uma fenda no tempo e nas narrativas a partir do momento em que se é gritado: “Guerra!”

A partir da experiência de uma leitura polifônica, como a de Aleksíevitch, na qual somos convocados a refletir sobre as marcas que ficam após um período em que se está perante à morte, é imprescindível questionar as implicações do sujeito em cena na pandemia de Covid-19, já que se configura, também, como um momento de horror. Além disso, ao se confrontar com a angústia diante do real da morte, quais os sofrimentos desses sujeitos e de que modo esse pedaço de real abriu uma fenda no espaço e tempo, perpassando por algo que é de uma experiência coletiva, mas que é, também, de um acontecimento subjetivo que provoca efeitos no um a um?

As transformações que ocorreram nesse período, tanto estruturais como subjetivas, tais como as formas de cumprimentos, as relações amorosas, os shows em forma de *lives*, ensino remoto e o atendimento on-line, nos convocam a salientar uma dinâmica virtual da vida. Os aparelhos digitais, que já estavam presentes em massa, com o isolamento social deixaram de ser objetos de *hobby* e passaram a adentrar a vida das pessoas como algo extremamente necessário, visto que, de alguma maneira, foi preciso se fazer presente em reuniões, aulas e, até mesmo, substituir a ida ao mercado ou à farmácia.

A psicanálise se orienta como uma práxis que não trabalha com garantias ou prescrições, mas sobretudo lida com os restos. Têm-se com sua criação, através de Freud, a tentativa de elaboração do inconsciente a partir do dilema das histerias da época vitoriana. Com Lacan, tem-se seu primeiro ensino, que é tido como estruturalista, visto que ele vai trabalhar a noção de estrutura e aprofundar, principalmente, o estudo sobre a psicose, já que Freud não o teria feito. Nesse período, Lacan dá primazia ao simbólico e às questões do nome do pai. Já em seu segundo ensino, Lacan vai partir por uma via topológica. Sustentado nas concepções da Linguística de Saussure, Lacan trata o inconsciente estruturado pela linguagem, na qual é levado em conta os nós borromeanos, dados aí pelo real, simbólico e imaginário.

Partindo-se dessa estruturação da psicanálise, vale se questionar quais são as novidades e as implicações de uma práxis que se mantém não só viva, mas sobretudo constitui-se como uma via de cura para o sujeito em tempos pandêmicos. Assim, esse cenário convoca a prática psicanalítica a se inventar

através de aparelhos tecnológicos. Nesse sentido, sabe-se que, em tempos de atendimento on-line, a direção é outra, mas o princípio é o mesmo, o que existe, de fato, é uma situação de emergência do impossível a partir do acaso.

Diante do mal-estar, é preciso fazer frente à angústia de modo a não recuar diante do acaso. Carmén González Táboas (2020), em um texto publicado em forma de comentário do texto de Bassols, *Coronavirus: La ley de la naturaleza y lo real sin ley*, afirma que, enquanto o discurso da ciência localiza o coronavírus como uma ameaça da natureza, o discurso da psicanálise permite lidar com os efeitos subjetivos da perda de sentido, ou seja, tratar os resíduos que ficam após ser confrontado com a castração; os efeitos de uma quarentena de trinta dias, por exemplo, podem se perpetuar por três anos³. Desse modo, a clínica psicanalítica, sustentada pelo amor de transferência, se utilizando da associação livre como técnica, convoca um desejo de análise que seja passível de uma invenção por meio dos aparelhos tecnológicos, de modo que não seja sem princípios, pois os seus efeitos estarão implicados em um-só-depois, quando o momento de compreender⁴ seja possibilitado.

Sabendo-se das contribuições de Freud acerca do amor de transferência e as elucubrações sobre esse sem nome que nos persegue invisivelmente durante a pandemia, são analisadas as implicações na clínica psicanalítica a partir de sua própria condição, a do amor. Para tanto, partimos de Freud, ao discutir sobre o amor de transferência como motor da análise, e servimo-nos do Banquete comentado por Lacan (2010 [1960-1961]) no *Seminário 08: A transferência*. Seguindo essa linha, mantém-se atualizada a pergunta que Lacan (1958) fez em seu texto *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*, em que ele coloca: “Em que ponto estamos com a transferência?” (p. 68). Assim, fazendo uma releitura, em que ponto estamos com a transferência em tempos de atendimento on-line?

“Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1998, p. 321). Lacan (1998), em seus *Escritos*, se refere ao analista como aquele que deve estar à altura de seu tempo. A partir disso, para localizar o discurso da psicanálise nessa conjuntura é preciso pensar em um S1: o Covid-19. Com os decretos estaduais de confinamento e alto risco de contaminação, os consultórios de atendimento e outras instituições foram fechadas e, dessa forma, os sujeitos em sofrimentos demandaram continuação dos atendimentos; a solução escancarada seria através do atendimento on-line. A pergunta não é outra senão: como sustentar um amor de transferência diante da ameaça mortífera da pandemia através dos aparelhos digitais?

Freud (1912), em *A dinâmica da transferência*, argumenta que a transferência surge quando algo do material psíquico se presta a ser transferido para o analista, isto é, quando há uma reprodução das imagos infantis, a saber, das relações amorosas fantasmáticas da infância, que é dirigido ao analista, de modo a revelar a posição do sujeito diante do Outro. Assim sendo, Freud salienta que a transferência é própria da neurose, porém, em um espaço em que o sujeito é convocado à associação livre. A transferência atua como um verdadeiro motor da análise. Ao mesmo tempo que a ela intervém como um sustento à análise, ela atua também como resistência, que pode passar por uma via negativa, cujo caráter consiste em uma dimensão hostil e limitada na construção da análise.

³ Em Dunker, C (2020). *A arte na quarentena para principiantes*. Boitempo.

⁴ “O tempo para compreender permite interpretar o instante de olhar ausente, um olhar a posteriori, em anamorfose.” (Brousse, 2020, p. 03).

A resistência na análise decorre de uma defesa do aparelho psíquico e ela pode se dar de diferentes formas. Em *Observações sobre o amor de transferência*, Freud (1915) se serve do exemplo da histérica que se apaixonou pelo analista como uma manifestação inconsciente da resistência, nesse caso, é importante discernir que esse ato é da ordem de uma defesa. São muitas as maneiras de resistir ao processo de análise e, diante do atendimento on-line, as resistências ganharam outras formas.

Miller (1998), em *O osso de uma análise*, adverte que:

É da mesma maneira, o que aparece sob a forma de associação livre em uma análise. Não se deve, simplesmente, se fascinar com a repetição e a convergência, não somente com a repetição e a constância da presença, pois há também a repetição da ausência, da evitação, do contorno, que para o sujeito, se constitui precisamente como uma pedra no tropeço. (p. 64).

Seja em uma análise via plataformas on-line, seja em uma análise presencial, haverá pedras no caminho. Porém, contextualizando a excêntrica no momento pandêmico, nessa modalidade virtual existem erros de servidor, desligamento de câmera ou de microfone, proposital ou não, e falhas na conexão. Esses tipos de situações poderiam ser classificados como especificidades da transferência na análise on-line, visto que as resistências adquirem outra roupagem. Além disso, a resistência é importante, já que, por sua vez, mantém algo velado, mantém o desejo, esse que permite a continuidade de uma análise, claro que isso ocorre no campo do inconsciente.

Ainda sobre a resistência em análise, Lacan (1958), em *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*, esclarece que em uma análise certamente quem dirige o tratamento é o analista, portanto, a resistência sempre estará do lado do analista. Ao se referir a isso, Lacan não se volta à direção como um encaminhamento do analisante. Isso, verdadeiramente, não é da alçada da técnica psicanalítica. Entende-se, no entanto, que a direção é a da cura. Desse modo, o analista paga sua parte, “mas pagar também com sua pessoa, na medida em que haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência.” (Lacan, 1958, p. 593).

Em *Intervenção sobre a transferência*, Lacan (1998), ao analisar o caso Dora, menciona os efeitos das intervenções de Freud durante o tratamento e sinaliza algumas noções pertinentes acerca da transferência. Ao afirmar que a psicanálise é uma experiência dialética, ele acrescenta que esse é o entendimento que deve predominar em relação à natureza da transferência. Desse modo, essa noção dialética da transferência nos direciona a pensar que a análise é constituída por duas partes e ambas possuem tarefas distintas, assim como Freud (1937) salientou em seu texto *Construções em análise*.

O analista dispõe de sua função ao sustentar o ato analítico por meio do saber extraído de sua própria análise e, dessa maneira, há um empréstimo da causa de desejo do analista para permitir as construções durante o tratamento. Por outro lado, o analisando, ao realizar sua demanda, põe-se a trabalhar ao tecer um investimento para que o sujeito possa construir um saber sobre o sintoma. Em tempos de atendimento on-line, os caminhos trilhados para ir-se à análise são outros, o trajeto do analista e do analisando vai passar por outras vias que não a de trânsito caótico, os trajés vestidos e os espaços escolhidos, revelando furos que em outro momento não chegavam até o *setting*, os ruídos

comuns de um lar chegarão à análise de modo a poder trazer uma outra sonoridade à tragédia edípica familiar.

Lacan (2010 [1960-1961]), no *Seminário 8: A transferência*, faz um resgate da mola do amor trabalhada desde Freud sobre o nome do motor da análise e recorda a arte para falar de amor. Volta-se à Platão para nos falar sobre o Banquete. Essa é uma narrativa de Apolodoro sobre um banquete que Agatão ofereceu em sua casa porque tinha sido premiado por um título. Nesse banquete, encontravam-se figuras fatídicas da época, tais quais Erixímaco, Pausânias, Aristófanes, Fedro e Sócrates. Nesses encontros, se escolhe um tema para se falar e o dessa vez foi sobre o amor, sobre Eros.

No cenário do Banquete, Lacan (2010 [1960-1961]) inicia sua fala esclarecendo um dos motivos para falar de amor em um seminário sobre a transferência, a saber: “No começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor” (p. 13). Por conseguinte, Lacan enfatiza dois personagens específicos para tratar acerca do amor, Sócrates e Alcibiades, na tentativa de formular o que se passa entre o érastês e o éroménos, ou seja, o amado e o amante. O primeiro, reconhecido por sua célebre frase “*só sei que nada sei*”, dá como material para falar sobre o amor justamente o que não se tem, assim encarna sua própria questão e formula sobre essa posição de amado, que não pode dar nada além de sua falta. Já Alcibiades, conhecido por sua fama entre os belos rapazes, traz o amor em ato, entra na cena e bordeia o que não se pode dizer sobre o amor.

Com base no que foi exposto e sabendo que “o problema do amor nos interessa na medida em que vai nos permite compreender o que se passa na transferência” (Lacan, 2010, [1960-1961], p. 52), Elizabete Siqueira (2014), em seu texto *A metáfora do amor*, faz uma correlação interessante entre a mola da transferência e o lugar de érastês e éroménos,

Esse contexto, o bem do outro não é o que mais importa. O analista não está na experiência analítica para o bem do seu analisante, mas para que ele ame. Para que ele, a partir do lugar do amado (éroménos), aceda ao lugar daquele que ama (érastês), com a finalidade de convocar a posição subjetiva daquele que lhe fala. Essa substituição é para Lacan a mola da transferência, sua condição de possibilidade e base necessária à instalação da experiência analítica (p. 2).

Desse modo, Lacan se serviu do amor para falar sobre a transferência porque ambos se articulam com a falta. Se o “amor (...) é dar o que não se tem” (Lacan, 2010 [1960-1961], p. 435), o analista encarna o seu lugar de falta-a-ser, dá sua falta como empréstimo para que o sujeito possa construir para além da demanda de amor, uma inscrição no que diz respeito ao campo do desejo. Ademais, sabe-se que não há um amor igual a outro. Lendo-se que o amor é uma transferência, não há transferência igual a outra. Por isso, a prática analítica é fundamentada na singularidade do um a um, garantindo-se, desse modo, uma aposta no que se repete, embora nunca de maneira igual.

Dito isso, ainda em seu texto *Observações sobre o amor de transferência*, Freud (1915) esclarece que o caminho para o psicanalista é outro, para o qual não há modelo na vida real. Seguindo essa premissa, a causa de desejo do analista para se sustentar à altura de sua época passa pela via de uma invenção que considera o possível do um-a-um. Portanto, diante da inserção

dos aparelhos tecnológicos um tempo de suspensão do futuro, em que o divã, na literalidade, segue vazio, a aposta do analista na ética do bem-dizer se mostra muito mais do que uma continuidade no tratamento. Manifesta-se, verdadeiramente, como uma sustentação no querer viver diante do horror que é ser confrontado com a ameaça mortífera da pandemia.

A pandemia e a clínica psicanalítica com crianças

Qual o lugar da criança durante a pandemia? A partir desse questionamento, sabe-se que na infância o recurso de expressão das crianças é direcionado às brincadeiras infantis, são nelas que, por exemplo em uma análise, é possível extrair as formações do inconsciente. Dessa forma, as brincadeiras e atividades lúdicas das crianças são atravessadas por esse contexto, assim como também, a forma delas se inserirem no laço social.

Sabendo que o lugar da criança na contemporaneidade compreende o modo de se sustentar no laço social e que, em um cenário pandêmico, tal laço é, em sua maior parte, constituído por um laço virtual, cabe se questionar: quais as implicações dessa mutação no laço social para as crianças?

Para as crianças, a pandemia também modificou as rotinas, reorientando-as às possibilidades on-line. A escola, além de sua função na aprendizagem, funciona como um marcador temporal, de modo a simbolizar e ritualizar o tempo. Durante a pandemia, há um encontro enigmático com o real, em que as dificuldades da criança passam pela mutação do laço social e consequentemente mudanças de hábitos em suas rotinas. No início, crianças que já estavam sendo atendidas tiveram seus atendimentos interrompidos e, com o passar do tempo, coube ao analista retornar ou não de forma presencial.

Diante das querelas já discutidas, permanece o impasse acerca de como manejar o atendimento ao público infantil. As perguntas dos pais sobre como será, se deixa disponível algum material, se podem brincar fizeram-se presentes nessa nova modalidade de atendimento. Diante de tantos impasses acerca do manejo transferencial, é necessário questionar sobre qual a modalidade da presença do analista. Se a psicanálise opera com um saber inédito, pôr à prova a invenção é uma aposta no que se pode fazer a partir do saber que é construído durante a análise

A geração atual de crianças se desenvolve em um mundo em que já existe tecnologia e essa relação é motivo de muita discussão em escolas e *setting* analítico. Ocorre uma relação problemática de um excesso de telas durante o período da infância. As cores, os sons e as funções que um smartphone pode executar na palma da mão fascinam as crianças e preocupam os pais, apesar de ambos estarem, atualmente, inseridos nessa lógica. O atendimento on-line passou a ser mais uma coisa a ser feita através do celular. Dessa vez, não pelo aparelho, pois em uma análise é necessário um investimento corporal e subjetivo para se implicar acerca do que acontece na análise. Logo, há esse ponto de distinção. Então, o que pode a psicanálise diante desse cenário?

De acordo com Lacan (1969), em *Nota sobre a criança*, a criança se apresenta como sintoma do casal parental. Então, em uma análise, ela coloca através de sua linguagem a relação com sua família e o que está para além da demanda dos pais. Localizar através do que e como a criança faz sintoma é algo crucial em uma análise, pois possibilita a ela se inserir em um lugar de desejo fora da alienação parental. Desse modo, no on-line captura-se um encontro, em que, mesmo através da tela, é possível fazer vacilar o que é do dizer dos pais e do desejo da criança. Além disso, o analista é esse que pode capturar qual a relação singular de cada criança com a tela e como, a partir disso, a criança constrói sua fantasia.

Desde o início da pandemia, muito tem se falado sobre a importância da invenção nesse momento. Freud (1908), em seu texto *O escritor e a fantasia*, faz uma relação entre a fantasia e a brincadeira, em que o adulto tem a fantasia e a criança constrói ao longo do tempo uma fantasia através da brincadeira. A criança, certamente, leva essa brincadeira muito a sério, já o adulto não.

Clarice Lispector com sua poesia já falava que a criança tem a fantasia muito solta. Então, quem melhor para nos ensinar sobre a arte da invenção senão as próprias crianças? A brincadeira infantil e o fazer poético têm mais a ver com a psicanálise do que se imagina. A língua conserva esse parentesco verdadeiramente fiel ao inconsciente.

Os poetas estão à frente da psicanálise e, considerando que estamos em um momento de compreender, em que é necessário a invenção de um saber que não é sem o fazer, se entoa a canção do aprendiz: “O que é, o que é?”. O enigma de Gonzaguinha sobre o que é a vida faz refletir sobre o atendimento psicanalítico com crianças durante a pandemia que põe à prova a própria fantasia solta da criança. Se é necessário inventar-se na clínica durante a pandemia, ninguém melhor para isso do que as crianças, que levam sua brincadeira muito a sério, são digníssimas maestras na arte da invenção. Ficar com a pureza das respostas das crianças é apostar, verdadeiramente, no aprendiz da vida e na esperança que dias melhores virão.

A clínica psicanalítica e o divã vazio: a tessitura de uma presença

Diante do cenário pandêmico, os aparelhos tecnológicos potencializaram exponencialmente sua função de promover o laço social. Além disso, em diversos setores, esse aparato passou a ser utilizado com mais frequência como meio de presentificar as pessoas por intermédio das telas para encontros que, em um tempo anterior, eram corriqueiros. Ao refletir sobre a presença em tempos de pandemia, é plausível pautar uma questão pertinente em relação à clínica e a presença do analista: de que modo a presença do analista é evocada durante a análise on-line?

Lacan (1964), em sua lição do *Seminário 11: A presença do analista*, é claro ao defender que a presença do analista não é nada menos que a manifestação do inconsciente e, em seguida, acrescenta: “é a isto que a transferência nos dá acesso, de maneira enigmática” (p. 124). Isto é, para que ocorra análise é necessário que tenha a presença do analista como empuxo para suceder a transferência. Dunker (2020), em *A arte da quarentena para principiantes*, assinala que a presença do analista em tempos de análise on-line se torna mais complexa, mas não impossível.

De acordo com o que foi exposto, ainda se questiona de que modo a presença do analista é convocada em meios on-line. Sabe-se que, através do virtual, os laços, aparentemente, correm frouxos. Como enlaçar a presença do analista? E como, mediante um terreno virtual, dá consistência a uma presença sob as telas? Em uma análise on-line certamente há um entre. Entre a presença e a ausência, o que se opera através do aparelho tecnológico? O que é necessário para constituir essa presença?

É importante estabelecer um corpo real nas redes do simbólico, de modo a aproximar essa distância entre o analista e o analisando. Segundo Alberti (2000), “Há um osso real para o amor de transferência que é a presença do analista” (p. 56). Lacan esclarece que a presença que é dada pelo analista, a princípio, é apenas o que se captura das formações do inconsciente e que está ali em uma condição de fala.

Assim, tecer a presença em tempos de atendimento on-line convoca ao analista sustentar um corpo real sob o nome de um 2D, de uma tela plana. O modo a ser feito se constitui a partir do tripé de formação de cada um, a saber: análise pessoal, supervisão e estudos teóricos. Contudo, fica claro que, segundo Ventura (2020), “talvez o segredo consiste não tanto em alarmar-se pela ausência das formas clássicas do amor, senão por fazer a aposta e poder testemunhar sobre as formas novas e singulares de sua presença.” (p. 52). Dessa forma, entendendo-se amor como amor de transferência. Para sustentar um corpo, é preciso muito mais do que carne e osso, um corpo se sustenta pelo caminho trilhado em busca de um significante que o vivifique. Apostar no novo do amor é experimentar-se na invenção do analista e estar à altura de sua época.

Ao salientar que o que dá peso a um corpo é o olhar, como meio de autenticação corporal, Lacan (1975), na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, relata como o que vem do outro esboça algo sobre o próprio corpo. Além disso, nessa mesma conferência, o autor trata de algo que é delineado no encontro do corpo com a palavra. A partir dessas contribuições, é possível pensar sobre quais emanções pulsionais localizam a presença do analista na modalidade virtual, já que as partes constituintes contariam com a voz e o olhar como pulsões que evocam essa presença.

Sobre o olhar como via para se chegar ao inconsciente, Lacan (1964) esclarece:

O olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como um ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia e da castração. O olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão do campo escópico. Em relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau elidido — é isso que se chama o olhar. (p. 74).

No olhar, algo escorrega e se transmite, esse sentido é redirecionado quando se é pensado em um olhar através das telas. Ao pensar em uma pulsão escópica, isto é, pela via do olhar, que é possível de se realizar por meio da câmera, é interessante pensar sobre o alcance dele que, ora se dá tão perto, ora como algo tão distante. Isso permite pensar em como o celular, cabível na palma da mão, pode ser transporte para tantas janelas, inclusive pensar no que Freud se refere para introduzir seus pacientes à associação livre, ao solicitar a eles para imaginar que estão no trem e dizer o que veem de sua janela.

Há, contudo, um desencontro de olhares, pois, enquanto o analista olha para o sujeito na tela, tem-se a percepção de que ele está olhando em outra direção que não a câmera; de mesmo modo, quando se tenta olhar diretamente para a câmera, o analista perde de vista a imagem que está do outro lado. Apesar desse desencontro, é relevante frisar o que Lacan (1964) já havia afirmado no texto do *Seminário 11: A presença do analista*, “o encontro sempre será faltoso” (p. 123) — muito embora não seja de maneira irresponsável. Ora, dar lugar à falta em uma análise é apostar em um saber fazer do sujeito.

Já em relação à pulsão invocante, caracterizada pela voz como vetor de transmissão do que se é dito, em uma análise on-line torna-se estranhamente

familiar. Há uma diferença de quando, no *setting*, a voz corre endereçada ao analista e quando, através dos alto-falantes, se remete a quem está do outro lado, porém, com um retorno vociferante intenso do que é dito.

Mais uma vez, há um desencontro, agora não só de olhar, mas de voz também. Diante disso, nos questionamos como manejar os modos de gozo, quando há um predomínio do objeto voz e olhar. Apesar disso, é possível pensar que o desentendido também faz parte da construção de análise, pois, na medida em que se é entendido tudo que se passa durante uma sessão, perde-se o interesse pelo que se repete e pelo o que não é dito.

O ato analítico em cena

Quinet (2020) aproveitou-se da quarentena para fazer um “programa” em sua rede social, o *Instagram*, com quadros em que apresentava reflexões acerca da pandemia de Covid-19. Essas reflexões foram escritas e deram origem ao texto *Análise On-line em tempos de quarentena*, no livro *Psicanálise e Pandemia*. Utilizando-se do texto *O inconsciente em cena*, Quinet compara uma análise on-line a um teatro, e não a um cinema. Apesar do cinema e do virtual terem em comum a presença das telas, como projeção do imaginário, em que se tem uma tela e o espectador, há um ponto de distinção, pois, em uma análise on-line, o recurso é a tela, mas não está gravado como acontece em um cinema, uma vez que se vale do recurso do “ao vivo”. Ou seja, há uma inversão: ao invés de ter tela e espectador, se tem duas pessoas através da tela. Esse modo é semelhante ao de um teatro, em que há espaço para o acaso e a contingência de entrar em cena. No caso do atendimento, há espaço para aparecer as formações do inconsciente, isto é, os lapsos, os chistes e os sonhos, por exemplo.

Nesse mesmo texto, Quinet (2020) sugere algumas advertências sobre o manejo da transferência e as implicações da presença do analista. Quanto a isso, primeiramente, é indispensável a presença do analista para que ocorra a análise e tal presença se dá via o ato analítico. O autor acrescenta, ainda, que o analista se presentifica pelo desejo do analista em ato, o desejo de que haja análise. Desse modo, dentre tantas incógnitas que se colocam diante desse mal encontro com o real, é congruente questionar: de que modo se sustenta um ato analítico durante uma análise on-line?

O ato analítico consiste em autorizar o fazer do sujeito. É, como tal, um corte, é praticar um corte no discurso, é amputá-lo de qualquer censura, pelo menos virtualmente. O ato analítico é liberar a associação, isto é, a palavra, liberá-la do que a limita, para que ela se desenvolva numa rota livre. (Miller, 2011, pp. 34-35).

Dessa forma, Miller (2011), em *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo*, explica que o ato analítico possibilita a circulação da palavra de modo a conceder o fazer do sujeito. Assim, para além de termos técnicos do ato analítico, em épocas de confinamento e atendimento on-line existem alguns empecilhos para que ocorra essa passagem à associação livre.

Em virtude do isolamento, as pessoas estiveram, em grande parte, em casa, ou seja, os filhos que iam à escola estavam em casa, os adultos que iam ao trabalho estavam trabalhando em suas residências, alguns em *home-office*, e os idosos estavam constantemente em tensão por serem classificados como grupo de risco, estavam apostando e esperando pela vacina. Além disso, em relação aos condôminos, estes se encontravam eufóricos com todos os

moradores dentro de apartamentos, tendo que realizar tarefas que antes eram realizadas em, no mínimo, três lugares diferentes e, a partir de então, se encontravam limitadas a acontecer dentro de um mesmo local, o elevador que era um ponto de encontro dentre os moradores tornou-se um risco de contato e contaminação.

Conclusão

Ao se apegar a um pedaço de vida é possível fazer frente à angústia. Durante a quarentena, se via diariamente nos noticiários e redes sociais as notícias tristes acerca dos casos, mas via-se, também, novas formas de fazer laço através das redes, desde pessoas se divertindo cortando o cabelo em casa a idosos fazendo avanços nas tecnologias de modo a não perder o contato com filhos e netos. A partir disso, é possível destacar a importância de que, apesar de um futuro suspenso, haver uma pulsão de vida que se ergueu diante do mal-estar. Ao localizar tais efeitos, dirige-se um questionamento à clínica psicanalítica: ao buscar, em um campo simbólico, um saber no real, de que modo se opera um saber-fazer-aí na clínica em tempos de pandemia?

Lacan trata o saber como um saber que não é sabido e que não se sabe que sabe. Este está localizado em um saber-se-virar-aí com seu sintoma. Essa aposta no sujeito é a própria ética da psicanálise, pois a arte de escutar equivale quase a do bem-dizer⁵. Além disso, ao se deparar com o real, o furo nessa ameaça de castração será de modo particular, tal qual indicou Freud (1997): “Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem que descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (p. 33). Com outras palavras, a tessitura de uma maneira de fazer frente à angústia não está exposta em manuais e guias, mas está resguardada na sutileza que cada um encontrará para lidar com o mal-estar.

Assim, a travessia na qual se põe um sujeito que demanda análise, via plataformas virtuais, e a do analista, que enverga sua ética para assegurar um dizer em tempos de tantos inomináveis, é perigosa, mas é da vida, tal qual nos advertiu Guimarães Rosa, em *Grandes Sertões: Veredas*.

Em *A transitoriedade*, percebe-se um Freud (1916) otimista que, em meio à guerra, se recusa a acreditar na premissa do jovem poeta que nos fala que a beleza das coisas está garantida pelo seu grau de efemeridade. Esse jovem poeta recorda a música “Hoje”, de Taiguara,

Hoje// Trago em meu corpo as marcas do meu tempo// Meu desespero, a vida num momento// A fossa, a fome, a flor, o fim do mundo ... Homens de aço esperam da ciência// Eu desespero e abraço a tua ausência// Que é o que me resta, vivo à minha sorte ... Eu não queria a juventude assim perdida// Eu não queria andar morrendo pela vida.

Infelizmente, no Brasil, a crise sanitária veio acompanhada de um colapso na economia e na política. O caos se instalou no país e injetar libido no desejo como antídoto para a angústia tem ficado cada vez mais desgastante. Que possamos permanecer seguindo não só a técnica psicanalítica dos escritos de Freud, mas também o seu otimismo por dias melhores:

Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes (Freud, 1916, p. 348).

Referências

- Alberti, C. (2000). A presença do analista. Não sem o corpo... In Fundação do Campo Freudiano (org.). *A sessão analítica* (pp. 51-58). Jorge Zahar.
- Aleskievitch, S. (2013). *As últimas testemunhas: Crianças na Segunda Guerra Mundial*. Companhia das Letras.
- Barros, M. do R. C. do R. (1995). A resistência na Psicanálise com Crianças. *Fort-da*, 3, 1-6.
- Brousse, M-H. (2018). *O inconsciente é a política* (2a ed.). EBP.
- Brousse, M-H. (2020). *Os tempos do vírus*. https://www.ebp.org.br/cor-reio_express/2020/04/04/os-tempos-do-virus/.
- Dunker, C. (2020). *A arte da quarentena para principiantes*. Boitempo.
- Escola Brasileira de Psicanálise (2020, setembro). Reinventar nossa realidade. *Reinventar O Encontro*, 42(0), 25-27.
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência (1912). In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos*. (Vol. X, pp. 133-146). Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”), (1905[1901]). In *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos*. (pp. 173-320). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência (1915). In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos*. (Vol. X, pp. 210-228). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996). Construções em análise (1937). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII, pp. 182-205). Imago.
- Freud, S. (1996). Luto e Melancolia (1917[1917]). In *Standard Edition das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 140-153). Imago.
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização(1930 [1929]). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, p. 38-91). Imago.
- Freud, S. (1996). Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, p. 162-180). Imago.
- Freud, S. (1976). Sobre a transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 345-348). Imago.
- Nascimento, L. (1982). O que é o que é. *Universal Music Group*. Duração: 4:17.
- Lacan, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In *Escritos* (p. 591-655). Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998) A presença do analista (1964). In *O Seminário, livro 11* (p. 119-129). Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975). *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, 23, 2-23.
- Lacan, J. (1998) Intervenção sobre a transferência (1966). In *Escritos* (p. 214-228). Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Jorge Zahar Editor. (Trabalho originalmente publicado em 1960-1961)

⁵ Em *Escritos*, de Lacan (1964).

-
- Lacan, J. (1998). *Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2012). *O seminário livro 19: ... ou pior*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1972-1973/1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros Escritos* (p. 369). Jorge Zahar Editor.
- Lispector, C. *Entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, em 1 de fevereiro de 1977, para o programa "Panorama", da TV Cultura, de São Paulo*.
- Miller, J. (2011). *A Perspectiva dos Escritos e outros escritos de Lacan*. Jorge Zahar Editor.
- Miller, J. (2016). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Paidós.
- Miller, J. (1998). *O osso de uma análise*. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise.
- Quinet, A. (2020, setembro). Psicanálise online em tempos de quarentena. *Psicanálise e Pandemia*, 1(1), 15-33.
- Rosa, J. G. (2019). *Grandes Sertões: Veredas*. Companhia das Letras.
- Silva, T. (1969). *Hoje*. EMI Music Brasil. Duração: 3:31.
- Siqueira, E. R. A. (2014). A Metáfora do Amor. *Opção Lacaniana Online*, 5(15), 1-145. http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/A_meta_fora_do_amor.pdf.
- Táboas, C. G. (2020, março). Sobre la contribución de Miquel Bassols, Coronavirus: "La ley de la naturaleza y lo real sin ley". *Gramma Ediciones*. 1(1), 1-2. <https://vo.mydplr.com/1bdb62ded29cf8c6004cbcf6405fcc8e-ce-69bbe059e210a717920dbe62401ad5>.
- Ventura, O. (2020). O amor, sempre Outro. In L. M. E. Alvarenga (Org.). *Mutações do laço social: o novo nas parcerias*. (pp. 47-65). EBP-MG.